

CORPO GARANTIDO: CARTOGRAFIA DOS SABERES JUVENIS DE RUA EM TERESINA.

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD - Cientista Social. Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e do Centro de Ensino Unificado de Teresina – CEUT. Especialista em História do Piauí. Doutora em Educação Brasileira pela UFC.

GT 07 – Infância, Juventude e Violência na Escola

*Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem,
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem,
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam e
nem mesmo um pensamento eles possam ter para me fazerem mal.
Armas de fogo meu corpo não alcançaram,
fâças e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar,
cordas e correntes arrebenhem sem o meu corpo amarrar...*

Jorge Benjor

Sua potência é surgir do nada, ou de um breu tão profundo que a escuridão os dissimula pelos contornos dos becos. Na penumbra, à distância das negociações mais óbvias, seu aparecimento resplende, por isso, de uma luz bem mais intensa (CAIAFA, 1989, p. 9). Aparições do nada, um foco de luz intenso. Transgressões e violência - rituais de um segredo que é comunicado mediante práticas sobre os corpos dos jovens. O corpo mediatiza a aquisição de um saber construído na rua e esse saber é inscrito no corpo (CLASTRES, 1989, p. 125-126). As práticas desse aprendizado ocupam lugares simbólicos por onde os jovens passam e, na constituição de subjetividades – **corpos garantidos** – um micropoder é instituído (FOUCAULT, 1993a; 1993b). Desse modo, o corpo não se manifesta, mas se torna a própria esfera do acontecimento, da manifestação, denunciando tal subjetividade, a tentativa de participar de um estilo de ser jovem, um fenômeno que

se desenrola no cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia, da criação cultural e lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento. Entre elas, a necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano (ABRAMO, 1994, p. 82).

É assim, que os usos das estratégias e dos dispositivos - dos movimentos frenéticos e repetidos, da excessividade dos gestos e das inúmeras expressões corporais e da dissolvência, no uso intenso do solvente – garantem ao jovem de rua a possibilidade do viver na rua. Portanto, um saber é constituído, uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, da bando aos jovens, o saber do sujeito jovem garantido. Pertencer ao bando jovem de rua é pertencer e não pertencer ao resto da cidade. E essa cartografia¹ específica que, ora tento traçar, é uma

¹ BARROS, Regina D. Benevides de, 1993, p.104 afirma que “Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. (...) As cartografias são multiplicidades que não formam um todo e se algum todo é formado é o das partes ao lado.”

tentativa de tornar a separação menos dolorosa, assim como quem observa, aproxima-se, mas não consegue atingir essa energia superposta que o jovem gera.

A força de um jovem garantido está no poder de confinar e fazer transitar o inimigo, pois este está inscrito no seu próprio corpo. O **corpo garantido** do jovem de rua e o seu inimigo não estão separados, pois ele o coloca em sua mira e o faz transitar por onde quer que vá. Leva consigo as pancadas, as feridas, as marcas de balas cravejadas, as unhas quebradas... Ele está lá, incrustado em seu corpo. É ele o suporte da violência no instante dessa atuação. A ordem estabelecida, que não é o consenso, cria um corpo com leis, tribunais e pedagogias que fazem surgir o corpo social, e a materialidade desse poder se exerce sobre o próprio corpo dos indivíduos, no caso, dos jovens de rua. No entanto, a reação é nítida, à flor da pele, e no jogo de correlações de forças, os jovens, com a sua sabedoria dos limites, possuem a habilidade de transitar entre um mundo e outro. Eles vivem da descontinuidade, do paradoxo, da ambigüidade e da simultaneidade, e penso que, nesse sentido, eles circulam em um outro circuito que é constituído ao lado, poderoso. Nesse caso, acabam por aprender, através de uma *energia inversa*, que muda quando a corrente volve de um lado para o outro, outros gestos, atitudes e corporalidades.

Não é à toa que Foucault (1993a, p. 3-4; 1988, p.96), ao explicar-se sobre a descontinuidade, o paradoxo dos discursos nos diz que é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso que se faz *sobre algo*, no nosso caso os jovens de rua, pode reforçar o dito, como também pode causar resistências no sentido de destruir, miná-lo – lutas de quem se rebela e não age como o esperado, como contínuo.

Um **corpo garantido**, portanto, é aquele que inscreve em seu corpo todas as experiências que o constituem um jovem de rua. Verdadeiras máquinas de guerra, esse corpo é uma atuação positiva pois produz acontecimentos a partir dessa destruição. A morte, nesse caso, não é só o fim, pois no instante da guerra, do enfrentamento, do combate, o sentido da vida pode ser recuperado. Interessante é que nos relatos dos jovens de rua, morte e renascimento, morte e vida estão sempre associados. O medo passa a configurar outra dimensão, pois que torna-se o elemento vital para a produção de uma coragem brincante, meio propício para a criação do novo, da aventura, como nesse dia em que sofreram uma emboscada policial :

A cena impressionava aos expectadores... Eram animais no asfalto, correndo pra todo lado, assustados com o predador (a polícia) que salta, armada, para cima deles. Armados com revólveres e cacetetes, com suas vozes grossas e rudes, que, com palavrões e palavras estigmatizantes, dizem: _ "Saíam daí, seus porqueiras, vagabundos, filhos de..., trombadinhas malditos...". Assim, jovens de todas as idades e tamanhos, a maioria negros, com seus peitos expostos, camisas e panos nas mãos ou sob os ombros, frascos de solvente presos no cóis dos calções, pulam e correm assustados. Foram pegos de surpresa. E enfrentam, como podem, a situação. Para se garantirem, eles sobem em cima das árvores, ficam escondidos dentro de suas copas, entram nos espaços abertos da rua, de forma a irem para outra rua, como, por exemplo, um posto de gasolina... Em segundos, o grupo se dispersa, se desfaz, para mais tarde se agrupar de novo. É preciso ser jovem de rua, ter passado por esse enfrentamento, para saber que é assim que se produz o menino esperto, o jovem garantido, que, com astúcia, sabe fugir... fugir da

morte. É isso o que um dos meninos define, quando diz: “_ Ah, não me pegam não. Eu corro... preciso ser esperto pra me garantir” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).

Vazios e brechas passam a ser preenchidos com ações mobilizadoras de mais ações... cadeias de ações que os jovens proliferam e que parecem não ter fim. Por sua vez, os espaços institucionais, nesse caso a polícia, também não usam muitas palavras... acionam dispositivos repressivos, cuja tônica tem sido o terror e o uso da violência. Tudo é pura ação, movimento; dispensam-se as palavras e, nesse vazio de palavras, eles evidenciam o vazio de autoridade e da lei. Uma lei que pode até valorizar as palavras, mas palavras normativas de um dever ser distante, frio e que, por isso mesmo, são palavras mudas – palavras sem ação e que os jovens negam. É como se as palavras e a ação estivessem dissociadas, porque há um vazio no uso delas. Nesse sentido, o código criado – aquele que permite se falar *sobre*, torna-se um vácuo, uma lacuna, algo sem sentido, apenas um ruído.

E nesse vazio de palavras – marca da descontinuidade do discurso, da lei - e no acúmulo de ações violentas, os jovens de rua quanto mais suportam, mais parecem fortes. Conforme Foucault (1988, p. 95-97), é desse modo que esses discursos e essas ações tornam-se elementos ou blocos táticos no campo das correlações de forças – relações belicosas, em conflito, relações de poder – porque todas as crueldades impostas aos seus corpos, ao invés de os destruírem, tomam uma outra dimensão, os constituem, enfatizam a capacidade de resistência física, tornam-se estratégias para mostrar ao grupo que podem e são jovens de rua... Além disso, todo esse poder exerce fascínio sobre os demais jovens que, como eles, vivem as mesmas situações. Deleitam-se com suas narrativas heróicas, suas grandes façanhas. Tornam-se, entre si, os *Cavaleiros sem medo*. Aliás, enfrentar todo o aparato de vigilância é um rito de passagem que deve ser atingido, ultrapassado por todo jovem que queira ser de rua. As suas conquistas são encenadas com a exaltação de seus atos de heroísmo, dribles e peripécias – estratégias criadas para fugir da polícia, da morte, da piedade, da violência. E o corpo do narrador toda vez prepara-se para isso, como o de **Argos**² que acabara de chegar do distrito policial, e

todos o cercam esperando sua história, como enfrentara a polícia. Seus olhos brilham, um sorriso maroto nos lábios, as palavras saem rápido, as mão gesticulam sem parar, conta: _ “Eles me pegaram, me botaram no camburão, chutaram minha barriga e berravam que iam me matar. Ficavam o tempo todo gritando: “- Filho de uma..., trombadinha ladrão!” Uns me espancaram - e mostrou a coxa toda ferida. Eu gritava muito. Depois que cheguei no distrito, eles me prenderam numa cela. Gritei que tava com sede e o soldado abriu e mandou eu ir beber, nessa hora eu fugi... corri feito um louco e cheguei aqui. Agora, os outros eu não sei para onde foram, não” (DIÁRIO DE CAMPO, 6 de julho de 1999).

Neste dia, com esse relato, passei a perceber que encenar é uma estratégia heróica, pois a ferida que o **Argos** mostrara era justamente a que ele havia, no dia anterior, me mostrado como sendo “mijada” de potó. Essas possíveis "mentiras" são estratégias necessárias numa rotina de guerra e combate, que os tornam poderosos e ameaçadores em potencial. Concomitantemente, suas feridas e pancadas são como troféus ... prova de um

² Objetivando dar anonimato aos jovens, bem como causar talvez um efeito brincante, estético, momentâneo substituo seus nomes por outros, de heróis gregos, não existindo pois nenhuma identificação entre uns e outros.

triunfo, de uma vitória: fui, apanhei, fugi, sobrevivi e voltei para a rua, para o grupo. Tem jovens que, inclusive, dizem que não fogem da polícia, suportam e, com o uso do solvente, ficam e mostram-se perigosos - o perigo torna-se o ponto máximo... O medo e a fragilidade desaparecem e eles são capazes de enfrentar a ordem estabelecida como deuses e heróis. Desse modo

as resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão (...) elas são outros termos nas relações de poder; (...) pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos (FOUCAULT, 1988, p. 91-92).

Um jovem guerreiro não fala sobre essa violência, sobre essa memória de dor e sofrimento cravejada em seu corpo, como se a consentissem em silêncio, entretanto, as narrativas de morte, roubos, tiros, paradas, emboscadas e fugas são propagadas e enumeradas. Falam sobre acontecimentos, sobre suas experiências em ato que se diluem até desaparecer. E quando narram onde, quando e como aconteceu, vão mostrando, no seu corpo, toda a história, toda a memória e, assim, os sentidos afloram, como também o pertencer a uma bando onde a violência é o que lhe constitui, o legitima. O

corpo iniciado traz marcas que contam sua história, condensam registros mudos de identidade. (...) A polícia, como em um jogo de espelhos, possibilita a existência, a produção e o registro 'oficial' da gangue como agrupamento violento. A polícia institui a gangue como grupo classificado e registrado (DIOGENES, 1998, p. 201).

Um **corpo garantido** é um corpo capaz de suportar, em si mesmo, a dor máxima, capaz de suportar todas as mortes e renascer fortalecido a cada enfrentamento. Esse é o aprendizado que a bando ensina cruelmente: ser cruel consigo e com os seus, como que para garantir que suportarão todas as outras marcas sofríveis e futuras. Lembro perfeitamente como tudo isso me assustava e, às vezes, eu não me continha e dizia: *“menino, não faz isso!”*. Eles desdenhavam, dizendo: *“óia, isso lá dói”*. E numa rotina de muitos movimentos bruscos, eles iam aprendendo, uns com os outros, a se tornarem jovens de rua garantidos. Lembro certa vez que,

Ájax passara horas andando, correndo de um lado para outro da rua. Seu corpo irrequieto, compulsivo, e um dos que mais cheira solvente, de repente, cai no chão da calçada. Parece morto, no entanto, dorme profundamente. Em questão de segundos, um outro jovem, com uma velocidade impensável, chuta o seu ventre numa agressividade sem limites. Ajax acorda sobressaltado, gritando acuado (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de agosto de 1999).

Um corpo preparado para a guerra contínua. Sempre em alerta, não deve parar nunca, mas estar sempre atento a todas as situações. Parar pode significar a morte... E é por isso, que, nesse ir e vir, o aprendizado mais estratégico é o uso de seus sentidos e instintos... Se você fala o nome de um, achando que estão desatentos, na mesma hora, ouvem e se manifestam querendo saber o que se vai dizer sobre eles. Sentidos vigilantes a tudo que acontece à volta. Sempre me impressionava a velocidade e a capacidade de captar muitas coisas ao mesmo tempo. Quando alguma coisa minimamente possível acontecia, seus corpos pareciam enrijecer, ouvidos e olhos posicionados de tal modo a entender os sentidos das situações à

sua volta. Em segundos, são capazes de observar, decifrar e decidir o que o acontecimento mobiliza.

Desse modo, *os atores sociais não são, de modo algum, vítimas dos valores que praticam, eles jogam, os vivem no jogo* (MAFFESOLI, 1984, p.14). E, como em todo jogo, eles podem ganhar ou perder. E perdem, especialmente quando se sentem envergonhados, quando flagrados diante de seus fracassos e medos. A polícia consegue isso, principalmente quando chegam inesperadamente, deixando a presa enfraquecida, humilhada e medrosa:

Foram pegos de surpresa. Ficaram visivelmente nervosos. A impressão que tive era a de bichos acuados, prontos para fugir e atacar, mas seus corpos denunciam o medo. Retesados, desconfiados, sofridos e sabedores do que poderia acontecer com eles. Uns tropeçam e caem. O Ajax caiu de cima da rampa e escorregou no lixo. A Ariadne deu um salto e ficou ao meu lado, buscando proteção. Outros tremiam... Um deles falou baixinho, em pânico, ao meu ouvido: _ "Eles estão chamando a viatura" (DIÁRIO DE CAMPO, 06 de julho de 1999).

Por isso é, também, necessário um olhar aguçado; um olhar difuso, sempre à deriva, que consegue deslizar entre a multidão³; *um olhar treinado, táctil, quando não multisensível, sinestésico, sonoro, visual, gestual, olfativo* (FERRARA, 1999, p. 15); um olhar desconfiado, vigilante, que capta desde os incidentes aparentemente anódinos ou insignificantes do espetáculo da rua, como, também, detectam outros, sobremaneira determinantes à sua sobrevivência. Não parar nem com o olhar. Atentos devem ficar, porque senão são pegos de surpresa como na cena anterior. Foucault, 1993b; Larrosa, 1994 e Adad & Nogueira, 1999, nos dizem que este olhar que seria apenas das máquinas de ver acaba impregnando quem é vigiado, e torna-se aprendizagem do menino. Como em todo jogo, um dia é da caça e o outro é do caçador, os jovens de rua também se garantem, como quando estávamos conversando debaixo da marquise da loja, aparentemente despreocupados e, para minha perplexidade, eles gritaram:

_ "Polícia! Polícia! Prenderam alguém, levaram alguém", e começaram a correr procurando abrigo. Fiquei só e imaginando se não era imaginação deles, porque não vi nenhuma viatura da polícia. Olhava e não via. No entanto, de repente, o carro da polícia estava na minha frente. Passaram, olharam e foram embora. Fiquei pasmada. Aos poucos, um a um, ressurgiram. A Ariadne voltou gritando meu nome. Um dos meninos disse: _ "Fala baixo, eles estão por perto ainda". (...) Ficaram próximos ao matagal, como a pressentir algo. Novamente disseram: _ "Olha lá, é a polícia!" Saíram correndo. Novamente eu não vi. Olhei... olhei... não vi. Um dos meninos estava escondido entre o muro e o banco, e eu disse: _ "Unicórnio, não é a polícia". Ele respondeu: _ "É sim, Shara". E foi incrível, porque, do nada, no fim da rua.... eu vi a viatura... fârois apagados, meio em câmera lenta, mas quando chegou perto, acelerou. Eu gritei: _ "Corre, é a polícia mesmo!" Ele fugiu. (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).

³ Sobre esse olhar e o mundo estratégico da prostituição masculina nas ruas de São Paulo, ver trabalho etnográfico realizado pelo antropólogo Néstor Perlongher, 1987.

Nesse constante jogo, à entrada em cena das forças, dispositivos de poder são articulados com as estratégias que, normalmente, são provenientes das próprias autoridades e das suas normas, ou melhor, dos vazios dessas normas e de sua violência. Os jovens de rua apoderam-se dessas regras para pervertê-las, utilizá-las ao inverso, a seu favor, evidenciando o poder proveniente de um saber gestado na rua - um micropoder. Outra dessas estratégias, são as noções de carência e de piedade, utilizam-se delas todas as vezes que *um de fora* aproxima-se do grupo. Eles enfrentam essa violência com muita dramatização e muita esperteza, como aconteceu comigo no primeiro dia em que fui à rua:

Estávamos na praça, e os jovens já haviam nos cercado, quando um deles aproximou-se e, como percebendo todo o turbilhão de sensações que me invadira, começou a chorar e a gritar muito. Fazia um jogo para me sensibilizar e dizia: “Tia, me dá dinheiro para merenda...tô com fome. Estou com dois dias que não como nada... minha barriga tá roncando”. E o menino fazia uma expressão de sofrimento e empurrava o abdômen para dentro, caía no chão, chorava e gritava muito... E como eu me recusava a dar, ele passava para uma atitude agressiva, de raiva, de violência, de ódio, e, por fim, desistindo, conclui: “Que mulher ruim, tem e não dá pra gente!” (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de dezembro de 1998).

No caso das políticas públicas assistencialistas, especialmente as que se posicionam distantes, trazem tudo pronto - casa, comida e roupa lavada - e lhes oferecem como um presente irrecusável, eles agem como se as mesmas fossem suas *eternas* devedoras. Reabsorvem a culpa que o outro tem e os condenam, não recusam o presente, a esmola, ao contrário, usam e abusam. Fazem dali seu grande trunfo. Um bom exemplo disso, foi o último projeto implementado pelo governo estadual chamado *Pelotão da Esperança* com o objetivo de tornar-se uma casa-abrigo. Os jovens de rua, por diversas vezes, dirigem-se até lá, passam alguns dias mas, depois, retornam à rua. Em uma de nossas conversas, perguntei ao **Teseu** o porquê de sua ausência, e ele disse:

“_ eu tava no Pelotão”. Perguntei o que ele estava fazendo lá. Ele riu, olhou para os outros e respondeu: “_ fui me fortalecer”. “_ E o que é isso?” “_ Ora, é comer, comer, dormir, dormir, tomar banho, e é isso” (DIÁRIO DE CAMPO, 30 de agosto de 1999).

Assim, o jovem de rua expressa todo o desprezo no olhar, no semblante de deboche, na ironia, nos lábios e na dureza da fala. Demonstra a astúcia no pouco caso que faz dessas expressões mortíferas. Pode tudo! Enfrenta o jogo e joga bem, pois as normas e regras da cultura da carência e da violência são reinventadas, rearticuladas estrategicamente. Vai lá... come, bebe do que lhe é dado, dorme e finge que aceita as regras, mas, quando está *fortalecido* volta para o campo de batalha para enfrentar seus inimigos. Conhece suas armas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena W. “O estilo monta o espetáculo”. In: **Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbanos**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ADAD, Shara Jane H. Costa & NOGUEIRA, Luzilene. *Escola: máquina de ver*. In: **Espaços da Escola**. Ijuí: UNIJUI. Vol. 5. N. 33 (jul - set., 1999), p. 23 – 34.

BARROS, Regina D. Benevides de. “Dispositivos em ação: o grupo”. In: PELBART, Peter Pál & ROLNIK, Suely (orgs.). **Cadernos de Subjetividade**. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v.1, n.1, 1993.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado: pesquisas de Antropologia Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

FERRARA, Lucrecia d’Aléssio. **Olhar Periférico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. “Verdade e Poder”. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993b.

FOUCAULT, Michel. “O dispositivo da sexualidade”. In: **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.